

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Queda das Ditaduras e a Emergência dos Cinemas Novos na Grécia e em Espanha  
20 e 23 de Abril de 2026

## TIGRES DE PAPEL / 1977

*um filme de* FERNANDO COLOMO

Realização: Fernando Colomo / Argumento: / Fotografia: Ángel Luis Fernández / Montagem: Miguel Ángel Santamaría / Montagem: Rafael Ceballos / Som: Miguel Ángel Polo / Interpretação: Carmen Maura (Carmen), Miguel Arribas (Alberto), Joaquín Hinojosa (Juan), Pedro Díez del Corral (Nacho), Concha Grégori (María, mulher de Alberto), Félix Rotaeta (Cristobal Montoto), Juan Lombardero (Miguel), Aurora Pastor (Teresa), Jaime Lizaur (Javier), Guillermo Vallejo (Ivan, filho de Juan e de Carmen).

Produtor: José Esteban Lasala / Directores de Produção: Miguel Ángel Bermejo, Mischa Muller / Cópia: em 35mm, cor, 93 minutos, legendada em inglês e eletronicamente em português / Primeira exibição na Cinemateca.

---

**Tigres de Papel** é a primeira longa-metragem de Fernando Colomo, realizador e argumentista madrilenho com uma obra que engloba várias dezenas de filmes, surgindo como trabalho essencial naquele que foi considerado o período de transição para a democracia em Espanha. Mas **Tigres de Papel** também tem sido considerado uma obra inaugural do que se viria a chamar como a “comédia madrilenha”, termo que abrangia um conjunto de filmes do mesmo período que retratavam uma geração urbana relativamente sofisticada que lidava com alguma falta de jeito com as liberdades recém-conquistadas no plano político, social e dos costumes, e que assumia por vezes contornos burlescos.

Se se tratava de um cinema que lidava com assuntos sérios, não se levava demasiado a sério, conquistando assim um público muito vasto entre a própria juventude. Percebemo-lo pelos diálogos entre os protagonistas de **Tigres de Papel**, num filme em que Carmen Maura tem um papel essencial, contracenando com Joaquín Hinojosa e Miguel Arribas. Carmen e Juan são um ex-casal de ideias progressistas, com um filho em comum de quatro anos, mantendo uma relação bastante próxima, a que se junta Alberto, ele próprio numa relação bastante peculiar com uma outra mulher, María.

Num filme muito dialogado, tão em consonância com a sua época, discute-se fervorosamente e demoradamente política, mas também se discutem relações amorosas, em que intuimos uma “troca” de casais que termina com uma grande amizade. Estávamos em 1977, ano das primeiras eleições gerais de Espanha depois da ditadura. Se citando Mao, Alberto revela a Carmen o que são “tigres de papel” – “O imperialismo e as forças reaccionárias” – o marxismo-leninismo é aproximado à lógica dos casais de modo bastante pueril. Um cinema muito dialogado filmado em espaços interiores contrasta a

primeira saída para a rua após trinta minutos de filme. Nas ruas os carros transportam bandeiras que apelam à “unidade popular”, mas os discursos continuam, quando vemos os protagonistas da história em conversas entre eles, que se estendem a comícios em que aqueles que discursam apelam aos legítimos desejos dos trabalhadores e do povo. Um apelo a uma luta transnacional contra as ditaduras, para unir o que Franco separou, como traduz este Programa.

Filmado em vinte dias com um orçamento diminuto, **Tigres de Papel** alcançou um grande sucesso comercial, tendo sido apresentado fora de concurso, na secção “Novos Criadores”, no Festival Internacional de Cinema de San Sebastián de 1977. Foi um dos primeiros filmes rodados em Espanha inteiramente com som directo. E, como escreveu Fernando Morais: “Som directo, planos longos e diálogos eficazes serviram para que Fernando Colomo obtivesse um triunfo inesperado no seu primeiro trabalho como realizador de longas-metragens. Ar fresco para um cinema da época numa realização que se move entre a amizade e o desencanto. Um filme chave no novo cinema espanhol.”

A inspiração para este filme ocorreu durante uma viagem do realizador, então jovem arquitecto, organizada pelo SEU (Sindicato Español Universitario), onde conheceu várias pessoas que estariam na origem das personagens do guião. A liberdade, o sexo, o feminismo, são temas que afloram constantemente os diálogos das várias personagens, rompendo-se com a moral conservadora e com a censura que até então dominava. Bebe-se álcool, fumam-se charros, gestos pouco vistos no cinema até então. Dirigindo-se às gerações mais jovens **Tigres de Papel** revelava várias das suas preocupações, ao mesmo tempo que expunha uma forte carga ideológica.

Se Colomo nunca gostou da terminologia que o associava à comédia madrilenha, é inegável que a ironia e a espontaneidade são marcas de um filme em que as personagens andam um pouco à deriva. A sequência final do trio de protagonistas e da criança no jardim zoológico é bem ilustrativa de tudo isto. Depois de no início do filme os protagonistas gritarem com a multidão palavras de ordem pela unidade popular, ouvimos parte de “Grândola Vila Morena” e “a luta continua”, já em português. “Portugal, Espanha, a mesma luta”. Realidade partilhada em meados dos anos setenta, como agora.

Joana Ascensão